

HARLEQUIN® DESEJO®

2
ROMANCES
inesquecíveis

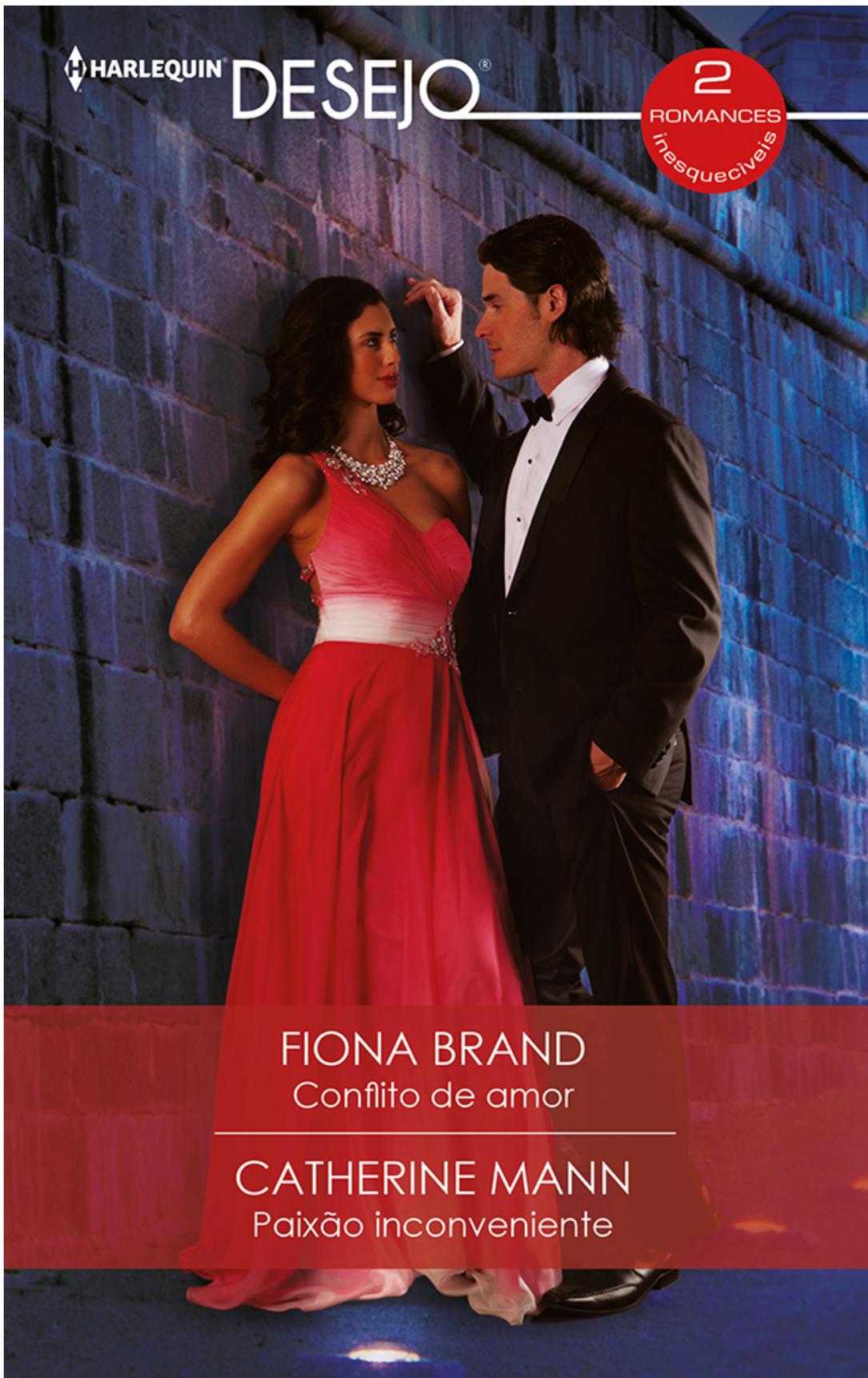


FIONA BRAND
Conflito de amor

CATHERINE MANN
Paixão inconveniente

HARLEQUIN DESEJO®

2
ROMANCES
Inesquecíveis



FIONA BRAND
Conflito de amor

CATHERINE MANN
Paixão inconveniente

Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Avenida de Burgos, 8B
28036 Madrid

© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins
Ibérica, S.A.
N.º 78 - agosto 2022

© 2013 Fiona Gillibrand
Conflito de amor
Título original: The Fiancée Charade
Publicada originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

© 2012 Catherine Mann
Paixão inconveniente
Título original: An Inconvenient Affair
Publicada originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.
Estes títulos foram publicados originalmente em português
em 2014

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em
vigor, incluindo
os de reprodução, total ou parcial. Esta edição foi
publicada com a autorização
de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e
situações são produto

da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Harlequin Desejo e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países. Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited. Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1141-152-3

Table of Content

Créditos

Conflito de amor

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Epílogo

Paixão inconveniente

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Volta

DESEJO[®]

FIONA BRAND
Conflicto de amor



Capítulo Um

«Zane Atraeus tem uma nova aventura».

A manchete da revista de coscuvilhices fez com que o multimilionário banqueiro Gabriel Messena parasse subitamente.

Exasperado, pagou a revista no quiosque do aeroporto de Auckland e continuou a ler o artigo, para saber com que rapariga andava o seu primo Zane Atraeus a sair nessa semana.

O seu olhar fixou-se na foto que acompanhava o artigo... e todos os músculos do seu corpo ficaram tensos ao ver o familiar cabelo vermelho, a tez de porcelana, os olhos escuros, o corpo esbelto e sensual.

Não era qualquer mulher, pensou, enquanto analisava o rosto de Gemma O'Neill. Uma vez mais, Zane andava a sair com a sua rapariga...

Da primeira vez que tinham publicado uma foto de Zane com Gemma, Gabriel não se preocupou porque sabia ser apenas uma relação profissional. Embora, segundo as revistas, isso tivesse mudado a dado passo.

Que Zane se sentisse atraído por Gemma era compreensível, porque era uma mulher belíssima e inteligente, com uma fascinante naturalidade que o tinha cativado desde que começara a ajudar o seu pai a cuidar o jardim da quinta Messena. Embora não conseguisse compreender o que atraía Gemma no seu primo; nunca fora uma rapariga dada às festas.

Cerrando os dentes, Gabriel tentou perceber o sentimento possessivo que experimentava naquele

momento, o poderoso desejo de reclamar Gemma como sua, apesar de não a ver há seis anos.

Não compreendia que Zane, que tinha mulheres a fazerem fila e, pelos vistos, tempo livre suficiente para sair com todas, não deixasse em paz a sua antiga assistente pessoal.

Maldição, pensou. Era fácil identificar a emoção que o sufocava, destruindo a sua calma habitual. Estava com ciúmes de Zane.

Era uma emoção que não fazia sentido, dado o tempo que passara e, sobretudo, tendo em conta que ele e Gemma só tinham tido um encontro sexual durante umas quantas horas ardentes.

Horas que continuavam gravadas na sua memória porque foram, literalmente, a última aventura da sua juventude.

Dois dias mais tarde, o seu pai tinha morrido num acidente de carro juntamente com a sua amante, a bela Katherine Lyon, uma mulher que era, além disso, a governanta da família.

Entre a dor, o escândalo, a responsabilidade de dirigir o banco, a sua excêntrica família e os meios de comunicação, que se lançaram sobre ele como abutres, Gabriel tivera que esquecer Gemma. Repetir o erro do pai mantendo uma relação com uma empregada, por atraente que fosse, era simplesmente impensável.

Até então.

Franzindo o sobrolho face ao repentino desejo de retomar uma relação baseada na mesma atração fatal que levara o pai à ruína, Gabriel dobrou a revista e dirigiu-se para o balcão de primeira classe para entregar o passaporte à empregada. Enquanto esperava, continuou a ler o artigo, em que relatavam os inúmeros romances do primo. Uns romances que, aparentemente, continuava a ter enquanto saía com Gemma.

Irritou-o que ela tivesse atirado o orgulho pela janela, que se deixasse tratar como uma mulher sem importância.

Não correspondia à forte personalidade e à independência que a tornavam tão atraente.

Os seus olhos fixaram então uma frase que o fez cerrar os dentes. De repente, o estranho comportamento de Gemma começava a fazer sentido.

Tinha uma filha. Talvez filha de Zane.

Gabriel respirou fundo para se acalmar, mas não conseguia controlar o bater errante do seu coração nem a curiosa sensação de vazio.

Deveria ter ligado ao que as revistas diziam do primo: que nos últimos dois anos, Zane tinha decidido que ter Gemma como assistente pessoal não era suficiente e que a tinha tornado sua amante.

Teve que afrouxar o nó da gravata porque lhe faltava oxigénio. Precisava de se acalmar, recuperar o controlo que tanto se tinha esforçado por conseguir em vez de dar rédea solta à veia apaixonada que herdara dos antepassados. Mas que Gemma tivesse tido um filho com Zane era como deitar sal na ferida.

Formar uma família era algo para o qual Gabriel, aos trinta anos, não tinha tido tempo e que não via como possível num futuro próximo.

Zane, com a irresponsabilidade da juventude, tinha tido um filho e evidentemente já não amava a mulher que lho tinha dado.

Mas ele sim.

Esse pensamento apareceu com a intensidade de uma pedra a cair num riacho.

Passaram-se seis anos, mas parecia que tinha sido no dia anterior. Sentia-se como um sonâmbulo: todas as suas emoções, das quais se tinha afastado após a morte do pai, voltavam à vida com a mesma intensidade de antes.

Observou novamente a fotografia, notando como Gemma se agarrava ao braço de Zane, a intimidade da pose...

A onda de fúria que sentiu fez com que desejasse reclamar aquela mulher da qual se tinha afastado para

preservar a família e o negócio.

Gemma tinha tido uma filha, pensou, incrédulo.

Uma pena que o negócio e a família o tivessem cegado seis anos antes, fazendo com que rompesse essa relação.

Não sabia quase nada da vida de Gemma nesse tempo, mas dirigir um império com o obstáculo de um idoso fideicomissário que, em sua opinião, sofria os primeiros sintomas de demência, mal lhe deixava tempo para mais.

E quase nunca tinha tempo para relações pessoais. Quando saía com alguém era com uma simples acompanhante para algum jantar de beneficência. Voltar ao seu solitário apartamento a cada noite, quando não estava a viajar, nunca o tinha incomodado.

Até àquele momento.

Gabriel agarrou o seu cartão de embarque, agradecendo automaticamente, e atravessou o alvoraçado aeroporto sem reparar nos viajantes que se moviam em seu redor. Era estranho aceitar a verdade: que a sua vida pessoal era tão estéril e vazia como um deserto.

Mas isso estava prestes a mudar. Dirigia-se à ilha mediterrânea de Medinos, o lar ancestral da família Messena e o lugar em que Gemma residia atualmente.

Se tivesse uma veia mística sentiria a tentação de pensar que a coincidência de ele e Gemma se encontrarem, por fim, no mesmo lugar era coisa do destino. Mas o misticismo nunca fizera parte da psique dos Messena.

Tirando a veia apaixonada, os homens da família tinham herdado outra coisa dos seus antepassados: eram implacáveis, táticos, tinham florescido na batalha, ganhando terras e fortalezas. O costume de vencer passara sempre para os herdeiros, uma família rica em filhos varões, culminando em grandes propriedades e uma vasta fortuna.

A pilhagem já não estava na moda. Nos dias de hoje, os homens da família Messena conseguiam o que queriam nas mesas de negociação, mas o princípio básico continuava a

ser o mesmo: identificar o objetivo, executar um plano e obter o saque.

Se fosse esse o caso, o plano era muito simples: afastar Gemma das garras de Zane e fazê-la voltar para a sua cama.

- Gabriel estará comprometido antes do fim do mês.

A conversa na varanda de uma das suítes mais luxuosas do resort Atræus fez com que Gemma O'Neill parasse inesperadamente, com as chávenas e os pratos que levava no carrito a tilintarem suavemente. Esse nome devolvia-a ao passado, a um lugar a que se tinha recusado a voltar em seis anos, levando-a a experimentar uma emoção que, em geral, costumava ser capaz de controlar.

Uma baía serena, um céu noturno estrelado e Gabriel Messena, com o seu longo e musculoso corpo enredado no dela, o cabelo negro como a noite, os pómulos marcados e ligeiramente exóticos a lembrarem-lhe um xeque na alcova de um palácio árabe.

Gemma pestanejou para afastar de si tão vívida imagem, seguramente resultado de estar em Medinos, um destino romântico que atraía hordas de recém-casados.

Nervosa, deteve o carrito ao lado da mesa e o ruído atraiu a atenção das duas clientes que ia atender. Eram clientes importantes porque estavam ligadas à família Atræus.

Uma delas era mais que isso. Embora Luisa Messena, a mãe de Gabriel, não soubesse que a pessoa que lhe levava o chá tinha sido sua empregada.

E amante do seu filho.

Gemma murmurou uma desculpa, baixando a cabeça para manter o anonimato.

Depois de pôr uma toalha adamascada na mesa, começou a tarefa de arrumar pratos, chávenas, talheres e um antigo bule de prata que decerto valia mais do que o carro de que

tanto precisava mas não podia comprar. Ela não era empregada, mas faltava pessoal no resort e, quando lhe pediram que desse uma mão, não pudera recusar.

- Gabriel esperou-a durante muito tempo e é perfeita. Pertence a uma família bem na vida, claro...

Embora estivesse a fazer o impossível para não ouvir, porque Gabriel Messena era história, Gemma cerrou os lábios, irritada. Pelos vistos, Gabriel estava prestes a pedir em casamento uma criatura perfeita, provavelmente uma bela rapariga da alta sociedade que tinha sido educada para casar com um multimilionário.

Saber que ele ia casar não deveria afetá-la. Ficava contente por ele. Até deveria enviar-lhe uma mensagem de parabéns.

Podia fazê-lo porque o tinha esquecido.

Quando as mulheres deixaram o tema de Gabriel para conversarem sobre outros assuntos, Gemma teve que dissimular um suspiro de alívio.

Não podia mostrar-se inteiramente fria porque ele fora o homem dos seus sonhos. Tinha-se apaixonado por Gabriel aos dezasseis anos e tinha continuado apaixonada durante muito tempo. Infelizmente, andara a perder tempo porque ela não tinha nem o dinheiro, nem o apelido nem os contactos necessários para ser parte do seu mundo.

Um dia, após saciar a paixão que nascera entre eles, acabou com ela com a mesma severidade com que teria vetado um investimento pouco interessante. Tinha-se mostrado amável e carinhoso, mas deixando claro que não havia futuro na relação. Não entrara em detalhes e não era preciso. Após o escândalo que, em poucos dias, surgira nos jornais após o seu primeiro e único encontro, Gemma quase compreendia que não quisesse saber dela.

O caso do pai de Gabriel com a sua governanta abalara os alicerces da família Messena, enfurecendo os seus ricos clientes, todos antiquados e conservadores. E Gabriel, o encarregado de controlar os danos, não queria perder a

confiança dos acionistas, arriscando-se a manter uma relação com a filha do jardineiro.

Apesar da dor que isso lhe causara, Gemma tinha tentado ver as coisas do seu ponto de vista, compreender a batalha que enfrentava. Mas saber que não a considerava boa o suficiente para manter uma relação com ela doera-lhe na alma.

Desde então, Gemma decidira não olhar para trás. Era o equivalente emocional a esconder a cabeça na areia mas, durante os últimos seis anos, a tática tinha funcionado.

Enquanto colocava o serviço de chá na mesa, com grande cuidado, uma delicada chávena caiu sobre o prato e as duas clientes levantaram a cabeça para olhá-la com uma expressão de desagrado.

Gemma deixou a jarra de leite sobre a mesa e secou uma gotinha que caíra na toalha, para que tudo ficasse perfeito.

Não lhe incomodava fazer o seu trabalho, mas ela não era empregada. Também já não era a filha do jardineiro da quinta Messena.

Era uma assistente pessoal treinada e altamente qualificada, com uma licenciatura em interpretação e dramaturgia, que era a sua autêntica paixão, embora por acaso do destino tivesse acabado como empregada da família Messena.

Serena e elegante, Luisa tinha o mesmo aspeto de quando a vira pela última vez em Dolphin Bay. A amiga que a acompanhava, embora vestida de modo informal, tinha o mesmo ar de senhora rica, com as unhas perfeitas e o cabelo aprumado. Ao contrário do seu, recolhido num simples carrapito.

Enquanto punha bolinhos e acepipes numa bandeja de prata no centro da mesa, viu a sua imagem refletida no vidro da porta.

Não lhe surpreendia que Luisa não a tivesse reconhecido. A farda de empregada que usava era demasiado larga e de

um tom azul pálido que não a favorecia. Com o cabelo preso num severo carrapito, não parecia bela ou com estilo.

Decerto, não tinha nada a ver com a jovem que ia casar com Gabriel, apesar de ela ser a mãe da filha dele.

Pensar isso era exageradamente dramático e inapropriado e lamentou-o de imediato.

Tinha deixado de sonhar com Gabriel anos antes e, pelo que tinha ouvido, ele estava prestes a casar-se. Se era esse o caso, estava segura de que teria escolhido a sua noiva com o mesmo cuidado e consideração com que conduzia o multimilionário negócio familiar.

O que tinha acontecido entre ela e Gabriel fora uma loucura e um erro para os dois. Uma mistura de luar, champanhe e um momento de cavalheirismo quando Gabriel a salvou de um homem que tentava abusar.

Três meses mais tarde, quando soube que estava grávida, Gemma tomou a decisão de não lhe contar.

Pela breve conversa que manteve com ele depois da morte do seu pai, sabia que, mesmo estando disposto a cuidar dela e da sua filha, só o teria feito para cumprir uma obrigação. Por isso tinha decidido não lhe dizer nada e criar Sanchia sozinha. Mas houve algo mais que a convenceu a silenciar a gravidez.

Ter um filho com um homem da família Messena teria criado laços dos quais nunca conseguiria livrar-se. Ter-se-ia visto obrigada a relacionar-se com eles para o resto da vida, sabendo sempre que não passava de uma empregada a quem Gabriel Messena cometera o erro de engravidar.

Durante a gravidez, tentando superar a dor da rejeição de Gabriel, Gemma tomara a decisão de que Sanchia seria só sua. Esconder a existência da filha parecera-lhe o mais sensato e simples para todos.

O que a incomodava no compromisso de Gabriel era pensar que tinha estado à espera que a sua noiva ficasse disponível. Se fosse esse o caso, ela não passara de mais

uma diversão enquanto ele esperava a esposa que mais lhe convinha.

As memórias apareceram em cascata, distraíndo-a completamente do trabalho.

A pressão da boca de Gabriel sobre a sua, o roçar dos seus dedos no cabelo...

Magoava-a que não lhe tivesse dado uma única oportunidade, que fosse tão superficial que aceitasse uma esposa que outros tinham escolhido em vez de se apaixonar.

Nervosa, empurrou o carrinho com mais força do que a necessária para a porta e chocou com um canto do sofá.

Luisa Messena olhou-a, de sobrolho franzido, como se estivesse a tentar recordar onde tinha visto aquele rosto.

Gemma deixou o carrinho ao lado da porta e esperou que não se lembrasse daquele verão, seis anos antes, quando esqueceu as regras que tinha imposto a si mesma de não ir para a cama com o filho dela.

Não se ofereceu para servir o chá, como teria sido normal numa empregada. Sorrindo, despediu-se com um gesto e empurrou o carrinho para o corredor.

Fechando a porta atrás dela, respirou fundo enquanto se dirigia para o elevador de serviço, mas parou quando o seu telemóvel tocou.

Olhando em redor para comprovar que estava sozinha, levou o aparelho à orelha e, de imediato, ouviu a voz séria da sua filha de cinco anos.

Ouvia-se um ruído... Sanchia devia estar a brincar com um velho brinquedo, um cãozinho de peluche que fazia barulho quando se lhe apertava a barriguinha.

Gemma cerrou os lábios. Era horrível estar separada da filha quando a única coisa que queria era dar-lhe um abraço. E Sanchia, que adorava o peluche, só brincava com ele quando estava cansada ou preocupada com algo.

Muito precoce para a idade, a sua filha fez-lhe uma familiar lista de exigências. Queria saber onde estava e o

que estava a fazer, quando a iria buscar e se lhe ia levar um presente.

Mas após uma breve pausa, a menina perguntou-lhe:
- E quando vais trazer um papá para casa?

Gemma sentiu o coração apertado. Suspeitava que a filha tinha ouvido a conversa que mantivera com a sua irmã mais nova, Lauren, antes de ir para Medinos.

E ali tinha a prova.

A referência ao «papá» partia-lhe o coração. Se conseguir um marido e um pai para Sanchia fosse tão fácil como ir às compras...

Normalmente, ela era uma pessoa serena e organizada. Como mãe solteira, tinha que ser.

Mas ultimamente, desde que uma ama deixara a sua filha fechada no carro enquanto jogava no casino de Sydney, o seu mundo tinha ficado de pernas para o ar. Ao ver Sanchia sozinha no carro, um transeunte tinha chamado a polícia, ativando o alarme dos serviços sociais. E na mesma semana, Gemma tinha-se visto envolvida num escândalo por culpa da amizade que mantinha com o seu ex-chefe, Zane Atraeus.

Mas o pior foi que, quando despediu a ama, a mulher falou com uma revista para dizer que Gemma não era uma boa mãe. A história, uma série de mentiras, não saíra na primeira página porque ela não era importante, mas como a tinham relacionado com Zane Atraeus, a imprensa alardeou tal invenção.

Por sorte, os media tinham-se esquecido dela pouco depois, mas os serviços sociais da Nova Zelândia e Austrália, apesar das múltiplas entrevistas e explicações, tinham decidido retirar-lhe temporariamente a custódia de Sanchia.

Quando tentou sair da Austrália com a filha para se instalar em Medinos, a situação tomara um rumo aterrador.

Os serviços sociais impediram que apanhassem o avião e a sua mãe teve que ir a Sydney para se encarregar de Sanchia. Mas, para complicar a situação um pouco mais, a mãe tinha sofrido um enfarte e precisava de um *bypass* urgentemente, por isso não podia responsabilizar-se pela menina.

Gemma mal conseguia dormir ou comer. Temia que os serviços sociais lhe retirassem a custódia indefinidamente e não pudesse recuperá-la, que não servissem de nada as provas de que era uma boa mãe.

Por sorte, a sua irmã Lauren, que tinha uma casa cheia de crianças, conseguira convencer as autoridades de que ela podia encarregar-se de Sanchia até tudo estar solucionado.

Embora tivesse deixado claro que a situação não podia prolongar-se muito. Com quatro filhos, Lauren estava muito ocupada e tinha um orçamento exíguo.

Gemma tivera que recorrer às suas poupanças para lhe fazer uma transferência, mas começava a ficar sem tempo.

Após tantos anos a lutar por ela, estava a ponto de perder a filha e o seu único objetivo era convencer os serviços sociais de que era uma boa mãe. Tinha dado voltas e voltas à cabeça para encontrar uma solução e só encontrava uma: estabelecer uma relação com vista ao casamento.

A sua única esperança de casar era o seu ex-chefe, com quem mantinha uma boa amizade. Apesar de ser um homem solteiro com reputação de mulherengo, Zane tinha muitas das qualidades que ela exigia num possível marido: era lindo, honrado, encantador e, sobretudo, gostava de crianças. Gemma sempre tinha pensado que se algum dia voltasse a apaixonar-se, seria por Zane Atræus.

Mas Zane era o homem com quem, segundo as revistas de coscuvilhice, tinha mantido uma relação intermitente durante dois anos. Não era verdade, eram apenas amigos. Quando Zane precisava de uma acompanhante para algum jantar de beneficência, era sempre a ela que ligava.

E sendo um homem tão receoso da intimidade como era, isso era importante. Se Zane sentia algo por ela, talvez estivesse à espera que lhe desse um sinal ou uma situação que lhe permitisse declarar os seus sentimentos.

Se tivessem um compromisso, as mentiras da ama e os rumores das revistas ficariam desacreditados. A aventura converter-se-ia de repente numa relação e as revistas não estavam interessadas em relações sérias. O facto de Zane estar ali, em Medinos, decidira-a a levar a cabo o seu plano.

A única coisa que preocupava Gemma era que fosse o primo de Gabriel. Se casasse com Zane, isso poria Sanchia na órbita de Gabriel Messena...

- Ouvi-te dizer à tia Lauren que tinhas alguém em mente - prosseguiu a sua filha.

Gemma decidiu mudar de tema e perguntar-lhe pelos primos.

- Divertimo-nos muito. E hoje veio a senhora dos serviços.

A mulher dos serviços sociais, pensou Gemma, com o coração acelerado. Um segundo depois, a irmã pôs-se ao telefone.

- Não houve problema, apenas uma visita de rotina. Queria saber quando voltavas à Nova Zelândia, por isso dei-lhe a data e o número do voo.

- Mas não precisavam de te incomodar a ti. Enviei-lhes a data e o número de voo há dias. Além disso, eles sabem que ainda não voltei para a Nova Zelândia porque ainda não tenho um trabalho estável aí.

Antes do desastre, tinha aceitado um trabalho como assistente pessoal no resort de Medinos, o quartel-geral do grupo Atræus, esperando que fosse o primeiro passo para conseguir um posto fixo nos escritórios da Nova Zelândia.

- Talvez a pessoa que recebeu o teu e-mail não o tenha passado a quem deveria. Sabes como são os organismos oficiais.

Gemma tentou mostrar-se despreocupada.

- Desculpa, tens razão. É que estou um pouco stressada.
- Não te preocupes, não vou deixar que levem a Sanchia.
Mas volta depressa - disse a irmã.

- Voltarei.

Quando tivesse conseguido um pai para Sanchia.

Gemma desligou e premiu o botão do elevador. As portas de aço devolviam-lhe a sua imagem: a farda larga, as bochechas a arderem, as olheiras.

Gemma fez uma careta. O medo que lhe encolhia o coração era compreensível. Tinha saudades de Sanchia e estava aterrorizada com a situação. Ter que provar que era uma boa mãe, quando sempre o tinha sido, era terrível. Além disso, tinha sido uma surpresa deparar-se com Luisa Messena, como se o encontro a tivesse devolvido ao passado, a outro momento em que também não tinha sido boa o suficiente.

Gemma pensou então na filha, com o seu cabelo negro, os olhos escuros e brilhantes. Sanchia era a sua âncora e precisava dela desesperadamente.

Podia ter cometido erros mas, como mãe solteira, tinha feito muitos sacrifícios e todos valiam a pena. Sanchia era a menina mais doce e adorável do mundo. O melhor da sua vida.

Como a maioria dos O'Neill, Sanchia era uma menina precoce e vivaça. A única coisa que a diferenciava deles era a cor do cabelo. Sanchia era morena e exótica, como o pai.

As portas do elevador abriram-se, interrompendo-lhe os pensamentos, e Gemma premiu o botão do primeiro piso.

Gabriel ia casar-se.

A notícia não deveria significar nada para ela. Tinham passado seis anos e a paixão juvenil que sentira por Gabriel era coisa do passado.

Respirando fundo, tentou examinar sinceramente os seus sentimentos: tristeza, desconsolo, e um que não se atrevia a reconhecer: que pudesse continuar a sentir algo por Gabriel.

Gemma fechou os olhos durante uns segundos, tentando neutralizar qualquer emoção.

Mas, apesar dos seus esforços, rolou-lhe uma lágrima pelo rosto. Era culpa do cansaço, do medo e do stress, disse a si mesma, pestanejando furiosamente.

As portas do elevador abriram-se e, aliviada, Gemma empurrou o carrinho até à zona de serviço antes de voltar ao elegante escritório que deveria ter sido seu... se os serviços sociais não a tivessem feito mudar de opinião.

Em vez de levar Sanchia para Medinos para viver com ela, tinha que voltar a casa no primeiro voo que encontrasse. Aquele escritório e aquele trabalho seriam de outra pessoa...

Agarrando a carta de demissão que tinha escrito uma hora antes, entrou no escritório do gerente e suspirou de alívio ao ver que não havia ninguém. Decerto estaria a atender os clientes que tinham ido a Medinos para assistirem à festa da Pérolas Ambrosi.

Com a sua demissão oficializada, Gemma sentiu-se, se não aliviada, pelo menos um pouco mais resignada.

Quando se virava para sair do escritório, viu uma lista de convidados para a festa, que teria lugar no castelo Atræus.

E o primeiro que viu foi o nome de Gabriel Messena.

Gabriel estaria ali, em Medinos, no dia seguinte.

Gemma teve uma estranha premonição, como se aquele encontro fosse inevitável, o que era absurdo. Ou talvez não fosse absurdo, talvez o destino os estivesse a unir novamente.

Que aparecesse precisamente naquele momento da sua vida, quando estava a tentar ganhar uma batalha legal para recuperar a filha, era uma estranha coincidência. Mas Gabriel estava prestes a comprometer-se com outra mulher e ela não pensava pedir-lhe ajuda, apesar de ser o pai biológico da menina.

Tinha que prosseguir com o seu plano.

Se Zane estivesse interessado nela e se pudessem formalizar a relação, todos os seus problemas acabariam. Os serviços sociais já não poderiam dizer que era uma mãe irresponsável, as mentiras da ama seriam desacreditadas e a sua situação económica já não seria um problema. Embora que, para chegar a tal, teria que tomar a iniciativa e empurrar Zane a reconhecer os seus sentimentos por ela.

Capítulo Dois

Gabriel desceu do avião que o tinha levado a Medinos e entrou na sala de primeira classe, cheia de empresários, executivos e turistas, olhando em redor com ar de impaciência.

O seu irmão mais novo, Nick, que chegaria do Dubai nuns minutos, tinha pedido uma reunião urgente com ele ali.

Cinco minutos e meia chávena de café depois, Gabriel viu-o entrar na sala, com um polo e calças escuras. Deixando-se cair ao seu lado, Nick abriu a pasta para lhe entregar uns documentos. Era um contrato para a construção de um arranha-céus em Sydney, com um plano de despesas e lucros.

- Correu bem o voo?

O irmão fez uma careta antes de olhar para a revista que Gabriel tinha deixado na mesa de café.

- Zane - murmurou com um tom exasperado. - Na imprensa outra vez, com outra mulher.

Gabriel dobrou a revista e deixou-a no chão, junto à mala. Tinha lido o artigo no avião. Não diziam que a filha de Gemma era de Zane, mas a insinuação era clara.

Voltando a sua atenção para o documento que Nick queria que examinasse, Gabriel fez um esforço para concentrar-se nos problemas mais prementes da sua família: uma arcaica cláusula no testamento do pai e do seu velho tio e fideicomissário do banco, Mario Atraeus, que tinha o poder de levá-los à ruína se não fizessem algo e depressa.

Tinham conseguido controlar a situação até Mario começar a comportar-se de um modo excêntrico, recusando-se a assinar documentos cruciais e «perdendo» outros.

As excentricidades de Mario tinham-se tornado insuportáveis quando tentou usar o seu poder como fideicomissário para obrigá-lo a casar com a sua filha adotiva, Eva Atraeus.

Nesse momento, Gabriel percebera o que estava por trás das maquinações do tio, um homem viúvo que receava morrer deixando a filha solteira. Segundo a tradição da família, não teria cumprido o seu papel de pai se não tivesse assegurado um bom casamento a Eva.

E Gabriel, o chefe da família depois da morte do seu pai, tornara-se o seu alvo.

Mas ele tinha muito clara uma coisa: quando por fim decidisse casar-se, seria ele a escolher a esposa. Nem Mario nem mais ninguém. Não aceitaria um casamento de conveniência apenas para honrar as suas responsabilidades familiares.

Deixando o documento na mesa, Gabriel olhou para o relógio.

- Não posso libertar os fundos. Oxalá pudesse fazê-lo, mas preciso da assinatura de Mario.

Nick cerrou os dentes.

- Demorou dois meses a aprovar o último empréstimo. Se voltarmos a atrasar-nos, o construtor desistirá.

- Deixa isso comigo. Eu encontrarei maneira do convencê-lo.

- Há uma solução, poderias casar-te - disse Nick, com uma expressão trocista. Referia-se à cláusula no testamento do pai, baseada na tradição familiar, segundo a qual um homem comprometido formalmente ou casado era mais responsável do que um solteiro. Era a única forma de evitar que Mario pudesse opor-se a qualquer decisão e a

única maneira de pôr o controlo do banco nas mãos de Gabriel.

- Muito engraçado.

O irmão tirou o telemóvel da mala.

- Ou poderias comprometer-te. Um compromisso pode sempre ser quebrado.

Gabriel fez uma careta, mas Nick não se deu conta porque estava ocupado a ler as suas mensagens. Decerto estaria a organizar a sua atarefada vida social.

Às vezes perguntava-se se algum dos seus cinco irmãos era consciente de que ele era um homem solteiro, adulto e com uma vida própria, mesmo que fosse uma vida vazia.

- Não haverá casamento nem compromisso. Há uma solução mais simples: um relatório psiquiátrico de Mario afastá-lo-ia do seu cargo como fideicomissário.

Ou isso ou continuar a suportar os problemas que criaria durante mais seis meses, até ele cumprir trinta e um anos e poder tomar conta do banco.

- Pois boa sorte - disse Nick. - Na verdade, não sei como conservas a calma.

Mantendo-se afastado da sua família sempre que lhe era possível.

Esse hábito mantinha-o isolado e fazia-o sentir-se um pouco solitário, mas ao menos ajudava-o a permanecer sensato.

Nick deixou o telemóvel e chegou-se para trás no sofá, de sobrolho franzido.

- Mario poderia arruinar-nos. Se pudesses levá-lo ao psiquiatra... quanto tempo achas que demoraríamos a ter um relatório clínico?

O irmão não parecia entender que Mario não ia cooperar no processo de provar que tinha perdido a cabeça.

- Falarei com ele assim que voltar de Medinos.

Nick arregalou os olhos.

- E quando vais dizer-lhe, antes ou depois da sua sesta?